

MUSEOGRAFIA DO TRABALHO E ENSINO EM UM BARCO MUSEU: A FRAGATA PRESIDENTE SARMIENTO (BUENOS AIRES, ARGENTINA)

MUSEOGRAPHY OF WORK AND TEACHING ON A BOAT MUSEUM: THE FRIGATE PRESIDENT SARMIENTO (BUENOS AIRES, ARGENTINA)

Janaina Cardoso de MELLO¹

Resumo: O texto apresenta como objeto de pesquisa a fragata da Marinha “ARA Presidente Sarmiento”, que integra a paisagem, o turismo, o ensino, a educação patrimonial e a história náutica da Argentina. Aborda-se a transição da embarcação militar funcional, de 1872, em patrimônio cultural e barco museu no século XX. A pesquisa buscou identificar os processos de patrimonialização e musealização, avaliando sua narrativa na Educação Patrimonial, por serem temáticas relacionais ainda incipientes nos estudos das Ciências Humanas e Sociais. A coleta de informações histórico-documentais e a visita técnica ao objeto da pesquisa, em setembro de 2022, contribuíram para a metodologia exploratória e qualitativa com a análise expográfica vinculada à História Marítima. A narrativa da exposição contém a representação das memórias do aprendizado e do trabalho, da cultura da diplomacia nas Relações Internacionais e da paz, configurando narrativas para a Educação Patrimonial.

Palavras-chave: Musealização, Museografia, Patrimonialização, Memórias do Trabalho, Ensino.

Abstract: The text presents as a research object the Navy frigate “ARA Presidente Sarmiento”, which is part of Argentina’s landscape, tourism, education, heritage education, and nautical history. It addresses the transition of the functional military vessel from 1872 into a cultural heritage and museum ship in the 20th century. The research aimed to identify the processes of heritage preservation and museumization, evaluating their narrative in Heritage Education, as these are still incipient relational themes in the studies of Human and Social Sciences. The collection of historical and documentary information, as well as the technical visit to the research object in September 2022, contributed to the exploratory and qualitative methodology with the exhibition analysis linked to Maritime History. The exhibition’s narrative contains the representation of memories of learning and work, the culture of diplomacy in International Relations, and peace, shaping narratives for Heritage Education.

Keywords: Musealization, Museography, Patrimonialization, Memories of Work, Teaching.

¹ Doutora em História Social (UFRJ); Pós-Doutoranda em Estudos Culturais (PACC/UFRJ); Professora da área de Ensino de História e Patrimônio Cultural do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (DHI-UFS); do Mestrado em Ensino de História (PROFHISTÓRIA/UFS) e do Mestrado em História (PROHIS/UFS). Pesquisadora FAPITEC/SE e CNPq, vinculada ao Laboratório de Humanidades Digitais (LADOC/UFS). E-mail: janainamello.ufs@gmail.com

Introdução

A fragata de treinamento da Marinha “ARA Presidente Sarmiento”, nomeada em homenagem ao fundador da Escola Naval argentina, em 1872, Domingo Faustino Sarmiento, integra a paisagem, o turismo, o ensino, a educação patrimonial e a história náutica da nação. Após sua restauração, foi transformada em um museu aberto à visitação por \$200 pesos aproximadamente o valor do ingresso.

Sua construção ocorreu na Inglaterra, entre 1895 e 1898, por Cammell Laird do Estaleiro Laird Brothers¹, em Birkenhead, possuindo estrutura técnica mensurada por: comprimento de 85,5 metros, boca de 13,32 metros, profundidade de 7,55 metros, calado dianteiro de 17 pés e 6 polegadas, calado de popa de 19 pés e 6 polegadas, calado médio de 18 pés. Realizando deslocamento com combustível cheio 2.733 toneladas, com velocidade de 13 nós e no modo econômico de 6 nós (HISTARMAR, 2023).

Substituiu a corveta “La Argentina” cuja vigência, entre 1888 e 1889, cumpriu um quarto das viagens de formação dos cadetes da Marinha argentina, sob o comando do Capitão de Navio, Martín Rivadavia, que recomendou sua troca por outra embarcação, uma vez que o navio atual apresentava sérios defeitos que colocavam em risco o sucesso das missões (MINISTERIO DE DEFENSA, 2022).

Na busca do equilíbrio de poder nas forças militares, e nesse caso, nas forças navais cujos equipamentos de transporte percorrem distâncias alongadas, enfrentam tempestades, maresia, necessitam de bons localizadores, dentre outros aparatos,

A tecnologia é um fator importante, uma vez que a posse de equipamento moderno é essencial (em conjunção com outros fatores não materiais, como organização, treinamento, doutrina, moral, etc.) para que as forças militares tenham seu valor de combate efetivo (capacidade de coerção) e reconhecido (persuasão) considerado por outros (WALDMANN JÚNIOR, 2018, p. 16).

Desse modo, o Capitão de Navio Domecq García recebeu a incumbência de comandante-inspetor do buque-escola que seria construído, em setembro de 1895, tendo feito a análise do projeto que lhe foi entregue e recomendando modificações no plano original, em vista da busca por superioridade técnica e equipamentos modernos de navegação disponíveis na Europa. Por estar alocado no Reino Unido, foi o responsável por firmar o contrato com o estaleiro inglês (MINISTERIO DE DEFENSA, 2022).

O impacto da Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX sobre o Modo de Produção Capitalista, com a introdução de máquinas e a relação de trabalho assalariada, tornou a Grã-Bretanha uma grande oficina mecânica de exportação, importação, transporte e projeto imperialista balizados em cercamentos de campo, êxodo rural,

instalação de fábricas, exploração do operariado e potência naval (FREIRE; SANTOS, 2022).

Sua histórica importância naval na defesa e transporte gerou a confiança e busca por capacidade técnica e infraestruturas modernas de construção de embarcações em estaleiros britânicos, o que pôde ser observado na contratação dos serviços também para a América Latina, e no caso específico, da fragata ARAS Presidente Sarmiento que serviria a Argentina.

Exemplo anterior foi a Corveta Uruguay² construída em 1874, na Inglaterra, servindo como navio escola da Armada Argentina entre 1877 e 1880, e, posteriormente, em 1960, tornada um barco museu e declarada Monumento Histórico Nacional. Encontra-se ancorada próximo à Fragata ARAS Presidente Sarmiento em Puerto Madero.

Assim, o vínculo da Argentina com a Inglaterra, no que tange à construção de suas embarcações, remonta aos feitos da Revolução Industrial e culmina, de forma coincidente, com a patrimonialização e musealização destas na mesma hidrografia.

A fragata “La Sarmiento” partiu de Liverpool em 14 de julho de 1898, com escalas em Vigo (Espanha) e Gênova (Itália), em navegação somente a velas, chegando ao porto de Buenos Aires em 10 de setembro do mesmo ano (MINISTERIO DE DEFENSA, 2022).

Ao longo de sua história se configurou no primeiro buque escola moderno da armada argentina, realizando 39 viagens, com um percurso de 1.100.000 milhas (equivalente a 50 viagens ao redor do mundo), tendo feito sua última viagem em 1939. No ano de 1961, foi aposentada, e em 1962, declarada Monumento Histórico Nacional, sendo musealizada em 1964 e atracada no Dique III do bairro de Puerto Madero, em Buenos Aires, ao sul da Puente de La Mujer e atrás da Plaza de Mayo (Fig. 1).

Figura 1 — Barco museu Fragata ARAS Presidente Sarmiento em Puerto Madero, Buenos Aires, Argentina



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022

Espaço de trabalho e treinamento dos marinheiros que dividiam tempos de ofício, de morada e, por vezes, de morte, em alto mar nas viagens, os ambientes do barco e seu acervo conservado congrega memórias profissionais que perpassam o manuseio da sala de máquinas, da cozinha, do armamento, dos botes salva-vidas, dentre outros.

Recebeu inúmeras visitas de destaque como reis europeus, participando da inauguração do Canal do Panamá, da coroação do rei Eduardo VII do Reino Unido e do centenário da independência do México. Mas ainda registrou a bordo a presença de vendedores japoneses (1914), mulheres carvoeiras (1935), como atividades lúdicas entre a tripulação envolvendo jogos e teatro, entre 1902/1903 e 1935. Além da formação para os atributos da condução de navios, os cadetes também participaram de cursos de fotografia e aulas de esgrima (HERAS; MOLANO, 2013).

Tais experiências compõem o estudo dos patrimônios culturais associados ao trabalho e aprendizado, ao cotidiano, e as experiências de trabalhadores e trabalhadoras do mar, com ênfase nos aspectos relacionados à memória social e as identidades de sujeitos desse texto. Da transição da embarcação em suas atividades funcionais ao barco museu “semióforo” da patrimonialização e musealização se imiscuem ações seletivas e narrativas valorativas que perfazem lugares de memória³ e lacunas de esquecimento.

Em vista da delicada coexistência entre sociedade civil e forças militares na América Latina, em razão de sua participação em golpes e nos períodos ditatoriais de vários países da região no século XX, nutrindo tensões e conflitos revividos com a posse de governos autoritários e/ou de extrema-direita alinhados ao fascismo, se indaga: O que a História, como disciplina, tem a aprender com os equipamentos culturais identitários de grupos militares, em suas expologia e expografia que refletem vertentes historiográficas, para que estes se tornem aliados em um ensino conscientizador e fortalecedor das instâncias democráticas?

Desta forma, a pesquisa objetivou compartilhar informações referentes ao processo de patrimonialização e musealização da fragata ARAS Presidente Sarmiento, bem como avaliar sua narrativa na Educação Patrimonial, tendo em vista serem temáticas relacionais ainda incipientes no campo dos estudos das Ciências Humanas e Sociais. A reunião de informações histórico-documentais, bem como a visita técnica realizada ao objeto da pesquisa, em setembro de 2022, contribui para uma análise expográfica em detalhes e um olhar sobre a História Marítima a partir do estudo das relações de trabalho/ensino que se conformavam no interior das embarcações.

A abordagem metodológica qualitativa deste artigo ocorreu por meio de pesquisa histórica, com informações coletadas através de investigação histórico-documental em fontes de arquivo, *sites* oficiais, artigos, teses, iconografia, entre outros. A visita técnica de natureza exploratória utilizou a observação e o registro fotográfico *in loco* para coleta de mais dados comparativos aos textos sobre o tema.

A organização do texto se subdivide em duas partes: na primeira intitulada *Da patrimonialização à musealização: campos teóricos e práticos*, são apresentados os conceitos basilares em torno das operações cognitivas e práticas relacionadas aos atos de patrimonializar e/ou musealizar objetos, acervos, espaços, em suas convergências e distinções. Na segunda, denominada *Do barco museu: memórias do trabalho, expografia e historiografia naval argentina*, apresenta-se uma análise dos processos de patrimonialização e musealização da Fragata Aras Presidente Sarmiento a partir de documentação acerca das concepções de patrimônio cultural pelo Estado argentino, bem como da análise do acervo e objetos do barco museu, suas narrativas através da observação e imagens coletadas em visita técnica ao espaço.

Da patrimonialização à musealização: campos teóricos e práticos

A área da Conservação está enraizada nos valores do patrimônio, nas qualidades e narrativas históricas, artísticas, estéticas e científicas. Essa direção atende às funções centrais do patrimônio na sociedade moderna – sustentando o conhecimento histórico, representando o passado e sua memorialização – estando associada às conhecidas tradições materialistas e curatoriais da prática de conservação. Um olhar mais contemporâneo e voltado para o exterior dos valores sociais almeja os usos e as funções dos lugares patrimoniais suscitados por uma variedade de processos sociais externos à conservação. Assim, o valor social protagoniza forças mais amplas conformando os contextos dos lugares patrimoniais, bem como as funções não patrimoniais dos lugares patrimoniais - incluindo desenvolvimento econômico, conflito político e reconciliação, justiça social e questões de direitos civis ou degradação e conservação ambiental (AVRAMI; MASON, 2019).

Os processos de patrimonialização cultural e de musealização seguem caminhos ora aproximados, ora distintos, uma vez que ambos possuem especificidades, mas nem sempre são compreendidos em seu propósito. Pois, o que definimos como “patrimônio cultural” contém uma carga de escolhas teóricas e práticas, mudanças e permanências ao longo dos tempos, bem como, devido à dinamicidade da cultura, ao movimento dos povos e a velocidade das transformações tenderá a assumir feições diferentes no futuro.

Quando tratamos da “patrimonialização” nos remontamos à atribuição de valor a um determinado espaço físico, acervo material, tradição intangível, dentre outros. Trata-se de “ativar o patrimônio cultural” ali comportado, concedendo-lhe visibilidade, retirando-o do perigo do esquecimento, legitimando sua importância local, regional, nacional ou internacional, o salvaguardando (PÉREZ, 2003). Assim,

[...] o que distingue a noção de património cultural da de cultura é a forma como a primeira se manifesta na representação da cultura, através da conservação e da transformação do valor dos elementos culturais. Da cultura não podemos patrimonializar nem conservar tudo, daí que o património cultural seja só uma representação simbólica da cultura, e por isso mesmo, dos processos de selecção, negociação e delimitação dos significados (PÉREZ, 2003, p. 233).

A Convenção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, adotada em 1972 pela Organização das Nações Unidas para a Ciência e a Cultura (UNESCO), objetivou o incentivo a preservação de bens culturais e naturais considerados importantes para a humanidade (UNESCO-WHC,1972). Foi ratificada por 193 países até 2020, tendo a Argentina ratificado o documento em 23 de agosto de 1978, pactuando uma obrigação

afirmativa com a conservação e serviço do patrimônio cultural ao interesse público em geral (UNESCO-WHC, 2020).

A visão da necessidade da preservação do patrimônio cultural tem gerado inúmeros debates e sua incorporação na agenda das Políticas Públicas de cada país, em suas regiões, estados e cidades. Duas abordagens – essencial e instrumental – ganharam força nas últimas décadas a partir da inserção de valores patrimoniais e sociais para a reorientação das estruturas de tomada de decisão (AVRAMI; MASON, 2019).

Figura 2 — Diagrama de abordagens patrimoniais nas decisões



Fonte: Elaboração adaptada de AVRAMI; MASON, 2019

As duas abordagens (Fig. 2) enquadram o conceito de patrimônio como algo construído e mediado pelos interesses de vários públicos e respectivas prioridades, demonstrando os diferentes resultados alcançados nos percursos essencial e instrumental (AVRAMI; MASON, 2019). Apresenta a complexidade da patrimonialização e seus caminhos bifurcados a partir das visões de gestores e profissionais do campo da salvaguarda.

A patrimonialização é também entendida como um “princípio que repousa essencialmente sobre a ideia de preservação de um objeto ou de um lugar, mas que não se aplica ao conjunto do processo museológico”, por outro lado, a musealização é considerada uma “operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal – isto é, transformando-a em *musealium* ou *musealia*, em um “objeto de museu” que se integre no campo museal” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 57).

O processo de “musealização”, embora mormente lide com acervos ou espaços considerados patrimônios culturais por *experts* de instituições formais ou saberes comunitários informais, possui uma cadeia operatória museológica de identificação, pesquisa, registro, planejamento comunicacional, conservação, exposição, atividades educacionais, dentre outras. Afinal, se parte da premissa de que os objetos não falam por si mesmos e é o “ato de musealizá-los” que confere sentido e significado ao discurso que conta sua história, sua estética, suas memórias e sua experiência ao público interessado. Desse modo,

A musealização consiste em um conjunto de processos seletivos de caráter infocomunicacional baseados na agregação de valores a coisas de diferentes naturezas às quais é atribuída a função de documento, e que por esse motivo tornam-se objeto de preservação e divulgação. Tais processos, que têm no museu seu caso privilegiado, exprimem na prática a crença na possibilidade de constituição de uma síntese a partir da seleção, ordenação e classificação de elementos que, reunidos em um sistema coerente, representarão uma realidade necessariamente maior e mais complexa (LOUREIRO, 2016, p. 101).

Por isso, deve-se ter a compreensão de que nem tudo que é patrimonializado é musealizado e nem tudo o que é musealizado é patrimonializado. Como exemplo disso, basta atentarmos para a expressão “museu a céu aberto” usualmente proferida em centros históricos cujas edificações podem ter passado pelo processo de tombamento, ou seja, de registro oficial como patrimônio cultural chancelado por um órgão regulamentador e não possuir um processo de musealização (circuito informativo orientado pela cadeia operatória da Museologia).

Da mesma forma, um museu pode realizar sua cadeia operatória em objetos que não foram patrimonializados, à saber: instalações de arte contemporâneas, exposições de conteúdos digitais, objetos musealizados advindos de feiras, brechós, artistas performáticos etc. Claro, que tais objetos e/ou coleções se tornam “semióforos”, ou seja, perdem seu “valor de uso” (religioso, econômico, político, doméstico) para se tornarem “representações sociais”, “símbolos” de uma temporalidade, de um povo, de seus ofícios, de sua luta, dentre outras manifestações e vivências consideradas importantes para serem preservadas e difundidas como herança cultural. Assim, esses objetos que saem de seu contexto de utilidade, não são mais manipulados, mas expostos ao olhar por seu significado cultural (POMIAN, 1984, p. 71).

Nessa perspectiva, é necessário relembrar as dimensões e distinções conceituais entre: Museologia, Museografia, Expologia e Expografia, tão caras aos profissionais de museus e aos processos de musealização enquanto teoria e prática. Em primeira

instância, cabe entender que “a Museologia é a disciplina que se aproxima de outras para dar conta de seu objeto de estudo, o fato museológico – a relação do homem com o patrimônio cultural, relação mediada, ora por vezes por um museu – institucionalmente –, ora por outros tipos de estruturas museais” (CURY, 2014, p. 58).

Se as preocupações da grande área da Museologia abrangem os aspectos teóricos de estudos, pesquisas, análises e proposições, outra grande área a Museografia configura-se como “a Museologia Aplicada aos museus. Para tanto, as ações técnicas do processo curatorial [...], – aquisição, salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposição e educação) – e as de gestão (planejamento e administração) compõem a museografia” (CURY, 2014, p. 59).

No campo da Teoria Museológica, que integra a Museologia Geral⁴, os “estudos museológicos respaldados pela comunicação fazem parte da esfera teórica, integrando a expologia e a educação” (CURY, 2014, p. 59). Grosso modo, se emprega o termo “exposição” para tudo o que um museu, galeria ou outro espaço, profissional das artes ou curador apresentam de modo sistematizado à apreciação de um público-alvo (estudantes, turistas, residentes etc.) e essa percepção leiga termina por ocultar outros elementos fundamentais a existência de uma exposição profissional: a Expologia e a Expografia.

Na contemporaneidade a “exposição” se constitui como uma das ações do museu mais fundamentais e reconhecidas, integrando a comunicação do museu, que compreende tanto as políticas educativas quanto suas publicações. Assim, concebendo-se o museu como um lugar de musealização e de visualização, a exposição proporciona a “visualização explicativa de fatos ausentes pelos objetos, assim como dos meios de apresentação, utilizados como signos” que estimulam a reflexão dos visitantes. A exposição, ainda pode ser entendida como o conjunto de elementos expostos, se configurando tanto como *musealia*, objetos de museu ou “objetos autênticos”, quanto os substitutos (moldes, réplicas, cópias, fotos etc.), o material expográfico acessório (os suportes de apresentação, como as vitrines ou as divisórias do espaço), os suportes de informação (os textos, os filmes ou os multimídias), como a sinalização utilitária (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.43-44).

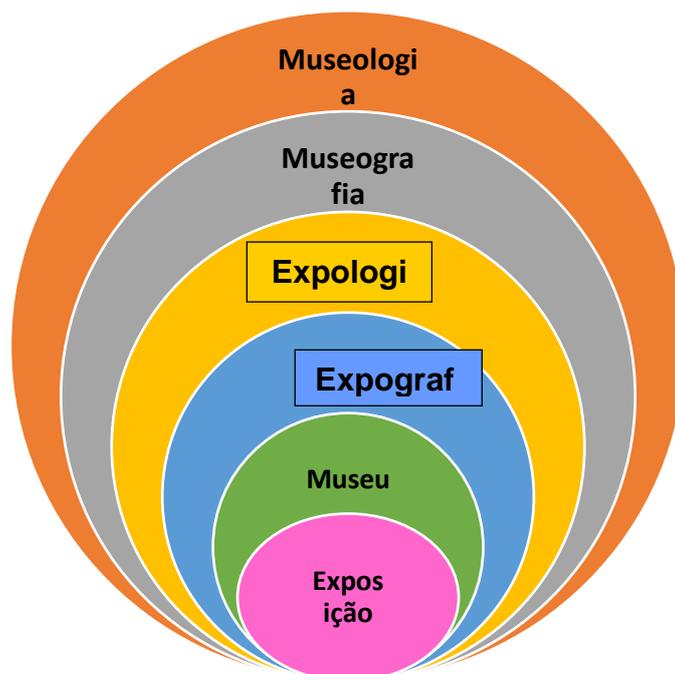
A exposição é uma parte um conjunto de técnicas desenvolvidas para preencher as funções museais ainda composta por: administração do museu, conservação preventiva, restauração e segurança. Esse rol de conhecimentos práticos é englobado pelo que se convencionou chamar de “Museografia” que caracterizaria a dimensão da Museologia Aplicada aos museus⁵. Ressalta-se que coexistem “traços da cenografia e da

arquitetura na museografia, o que aproxima o museu de outros métodos de visualização”, entretanto, no caso dos museus, esses traços estão mediados pelo conhecimento sobre o público, a sua apreensão intelectual e a preservação do patrimônio (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.59-60).

Salienta-se que os distintos saberes e formações acadêmicas dos profissionais em museus e suas ações de musealização externas, envolvendo conhecimentos e acervos/espacos de diversas naturezas – sob os auspícios das ciências humanas e sociais, biológicas e exatas – não substituem, mas enriquecem e complementam a expertise do museólogo, pois

[...] uma exposição não pode ser considerada uma atividade em separado dos outros processos de musealização, ela também abrange e envolve equipes múltiplas e interdisciplinares, tanto internas, quanto externas ao museu, fundamentais para obter soluções que amplifiquem as ações museológicas” (MAIA; SANTOS, 2021, p. 281).

Figura 3 — Composição Museal – Teoria e Prática



Fonte: Elaboração da autora, 2022

No desenho dessa composição museal (Fig. 3), por Expologia se compreende a parte “teórica, com a apresentação de inúmeros textos e seus respectivos autores, que exige o domínio dos conceitos e teorias para que se possa ser aplicado todos os procedimentos e técnicas na prática do campo museológico” (PEIXOTO; JESUS, 2021, p. 7). Assim, a expologia é o estudo e planejamento da execução da exposição em si (o que é [conteúdo, conhecimento], como pensar [refletir, organizar ideias, proposições], o que usar [objetos, acervos, recursos], como cuidar do acervo musealizado [conservação,

proteção de riscos e danos], como fazer [ambiente, materiais, ocupação], como comunicar [narrativas conectadas aos objetos, sistematização, contextos, diálogos], como prever seus impactos/recepção [reações do público, entendimento, *feedback*], como desenvolver atividades educativas [orientações, interpretações, conferir sentidos, promover debates]).

Já a Expografia caracteriza a forma da exposição, em acordo com as premissas da expologia, é norteadada pelo planejamento, métodos, técnicas de concepção e montagem, conferindo materialização da ideia em forma (CURY, 2005, p. 27). É permeada por *design*, elementos com identidade visual e temática, cores, materiais, iluminação, altura, expositores, mobilidade, equipamentos, som, composição, dentre outros. Sendo ainda regida por diretrizes de altura e acessibilidade das peças em exposição, identificação textual e imagética (legendas) e atenção às normas de segurança.

Para Loureiro (2004, p. 98) na “concepção moderna, a ideia de museu sustenta-se sobre um tripé constituído pelos elementos objeto/ espaço/informação, que se inter-relacionam e interagem” e apenas “a partir do século XIX que se difunde e fortalece a conotação física e concreta da palavra museu, devendo ser sublinhado que seu uso se prende com mais frequência aos prédios que às coleções neles abrigadas”.

A transformação do conceito de museu, outrora compreendido como arquitetura tradicional limitada em um prédio, com salas para exposições de acervos, ao longo dos séculos XX e XXI, promoveu sua ampliação física e estética com a criação de “museus de percurso” (à exemplo do circuito das obras de arte afrodescendentes em Porto Alegre/RS), “museus à céu aberto” (caso do Instituto Inhotim, em Brumadinho/MG) ou os próprios “webmuseus” (quer sejam ciber, web, digital ou virtual) conformam espaços expositivos construídos *online* e caracterizados como aparatos informacionais (LOUREIRO, 2004, p. 103-104).

Roseane Novaes e Diana Correia (2010, p. 4-5) ao tratarem do “Navio-museu” Bauru, o compreendem como um “Bem Cultural/Monumento Histórico/Patrimônio Musealizado”, ou seja, um “objeto musealizado”, mesmo entendendo-o enquanto um “espaço informacional e comunicacional - pela visitação pública a um equipamento histórico e, sobretudo, sob o foco de uma exposição museológica”, porém, sem defini-lo diretamente como um “museu”.

Esse trabalho adota o ponto de vista de John Kearon (1997) que entende os barcos-museus e os navios-museus (distinguidos por tamanho) como embarcações antigas, com reconhecido valor histórico e, por isso, selecionadas para sua preservação e

extroversão, sendo convertidas em “museus” abertos ao público em geral. Compreensão que alia ainda a perspectiva da nomeação dos novos territórios ou ambientes informacionais constituídos a partir da própria fluidez da concepção de “espaço” na mutabilidade do tempo (LOUREIRO, 2004, p. 100-101).

Do barco museu: memórias do trabalho, expografia e historiografia naval argentina

A *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos* (CNMMYLH) foi criada em 28 de abril de 1938, pelo Decreto N° 3.390, como um organismo a cargo da direção dos lugares, monumentos, templos, casas e museus históricos argentinos, subordinada ao Ministério da Justiça e Instrução Pública. A Lei N° 12.665, sancionada pelo Congresso em 30 de setembro de 1940, regulamentou a criação da CNMMYLH, além de determinar em seu artigo 4° a responsabilidade do organismo na classificação e formulação da lista de monumentos históricos do país com a anuência do Poder Executivo (LOPES, 2017).

Em 18 de junho de 1962, a Fragata ARAS Presidente Sarmiento foi declarada pelo Poder Executivo Nacional da Argentina um “Monumento Histórico Nacional” conforme o Decreto 5.589/62 (MINISTERIO DE CULTURA; MONUMENTOS Y LUGARES HISTORICOS NACIONALES, 1962).

Desta feita, as obrigações correlatas às ações institucionais de patrimonialização seguem uma lista de procedimentos, pois

[...] na Argentina, após a declaração como patrimônio nacional, os bens não poderão ser destruídos ou sofrer modificações, restaurações ou reformas sem a autorização da Comisión. Ela cooperará com os gastos de conservação ou restauração quando forem propriedade pública em qualquer nível de poder, conforme o Artigo 4° da Lei 12.665 e, em relação aos próprios da Nação, das províncias, das municipalidades ou de instituições públicas, o Artigo 2° estabelece que “quedan sometidos por esta ley a la custodia y conservación del gobierno federal, en su caso, en concurrencia con las autoridades respectivas” (AGUIAR; CHUVA, 2014, p. 75).

Mais recente, em 31 de agosto de 2016, foi atribuída à Fragata ARAS Presidente Sarmiento o “Emblema Azul”, consagrando assim a sua proteção como patrimônio cultural da Nação em caso de guerra ou emergência. Portanto, a fragata possui um dos 21 escudos assentes na Argentina em cumprimento à Convenção de Haia⁶ para sua preservação (MINISTERIO DE DEFENSA, 2019).

Na musealização de bens patrimonializados, de “lugares de memória”⁷, usualmente, galerias ou museus com prédios planejados para a finalidade expográfica possuem maior viabilidade para o sucesso da expologia e da exposição. Para isso, seu

projeto arquitetônico, incluindo espaço e *design* de interior, já se adequa às demandas e possibilidades vindouras de uso e reuso. Todavia, a musealização de edifícios cuja construção foi destinada à residência, finalidades econômicas ou políticas, podem implicar em problemas no arranjo expográfico.

No caso de um barco museu oitocentista, tais questões intensificam os desafios em razão de ser um local de reduzida metragem (altura e largura), maquinários fixados sem possibilidade de mobilidade, subdivisões internas que interferem na fruição, pouca ou nenhuma possibilidade de acessibilidade, iluminação e climatização deficitárias, além da questão intrínseca de estar aportado em um rio e sofrer ação direta de maresia e infiltrações.

No glossário de termos náuticos uma fragata (Fig. 4) é definida como um “barco de três mastros com vergas (penduras que as atravessam), e velas quadradas (retangulares). Estas estão espalhadas pelas vergas e orientadas ao vento fazendo-as rodar no seu eixo central que coincide com a posição do bastão” (DOMÍNGUEZ, 2012, p. 47).

Figura 4 — Desenho do plano velico da Fragata ARAS Presidente Sarmiento em exposição no barco museu argentino



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022.

A fragata musealizada possui a configuração técnica de três mastros: o principal 163 pés (54,3 metros), o mastro dianteiro 160 pés (52 metros), a mezena 129 pés (42,5 metros), o gurupés 67 pés e 6 polegadas (23,2 metros). Usa 21 velas com 24.000 pés quadrados de área de superfície, mais 12 velas suplementares (asas e à direita) com

6.000 pés quadrados adicionais (a altura mencionada das longarinas é a partir da quilha) (HISTARMAR, 2023).

A primeira viagem de treinamento de “La Sarmiento” aconteceu entre 1899 e 1900, zarpando de Buenos Aires em 12 de janeiro e retornando em 30 de setembro do ano seguinte. A rota de sua primeira circunavegação cobria: São Francisco, Acapulco, Honolulu, várias cidades japonesas, Barcelona, Nova York, Cuba e Rio de Janeiro, entre outras paradas, percorrendo 49.500 milhas náuticas. Sua tripulação era composta de cerca de 320 pessoas, incluindo cerca de 40 cadetes que receberam instrução a bordo (HERAS; MOLANO, 2013, p. 87-88).

Sobre a primeira viagem, ao comando de Enrique Thorne, as memórias de Teodoro Caillet Bois, que esteve em atuação nesse período como cadete na embarcação, ressaltaram como resultado da experiência de circunavegação a prova da qualidade de

[...] um núcleo de jovens oficiais em pleno ingresso na profissão, experientes pelo menos em navegação e manobras, e dotados desde o início da valiosa experiência do contacto com o mundo exterior. Cem aprendizes transformados em homens, verdadeiros marinheiros, que por uma geração serão os efetivos contramestres de nossos navios. (BOIS, 1931, p. 82).

As memórias dos trabalhadores aparecem inicialmente nas fotografias em P&B musealizadas em vários pontos de manejo técnico, bem como em uniformes, utensílios e outros materiais que apresentam o cotidiano da tripulação. A composição entre o material iconográfico e o ambiente do barco-museu busca a coexistência do navio em movimento do passado com a dinâmica de visitação no presente. As imagens estão em suportes retangulares de madeira e vidro (formato de caixas vazadas frente e verso), suspensas por cabos de aço.

Figura 5 — Memórias do trabalho dos cadetes sob as velas da fragata



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022.

Acima do leme de emergência, telégrafo mecânico e registro, onde estão as rodas cavilla, está uma fotografia onde a tripulação da fragata realiza seu ofício durante

a navegação. O acervo fotográfico em exposição, cuidadosamente contextualizado entre os espaços/equipamentos, em grande parte advém das primeiras 17 viagens que levaram a bordo vários fotógrafos para cobrir a rotina das missões da fragata. Dentre eles: Pastor Valdez (1899-1900), Victorio Gianotti (1901-1902), Eugenio Bixio (1903-194), Luis A. Dubois (1904-1905), Carlos Andreola (1909-1910), Celestino Belardirelli (1916-1918), dentre outros (HERAS; MOLANO, 2013, p. 89-90).

Figura 6 — Fotografias P & B musealizadas na Fragata ARAS Sarmiento

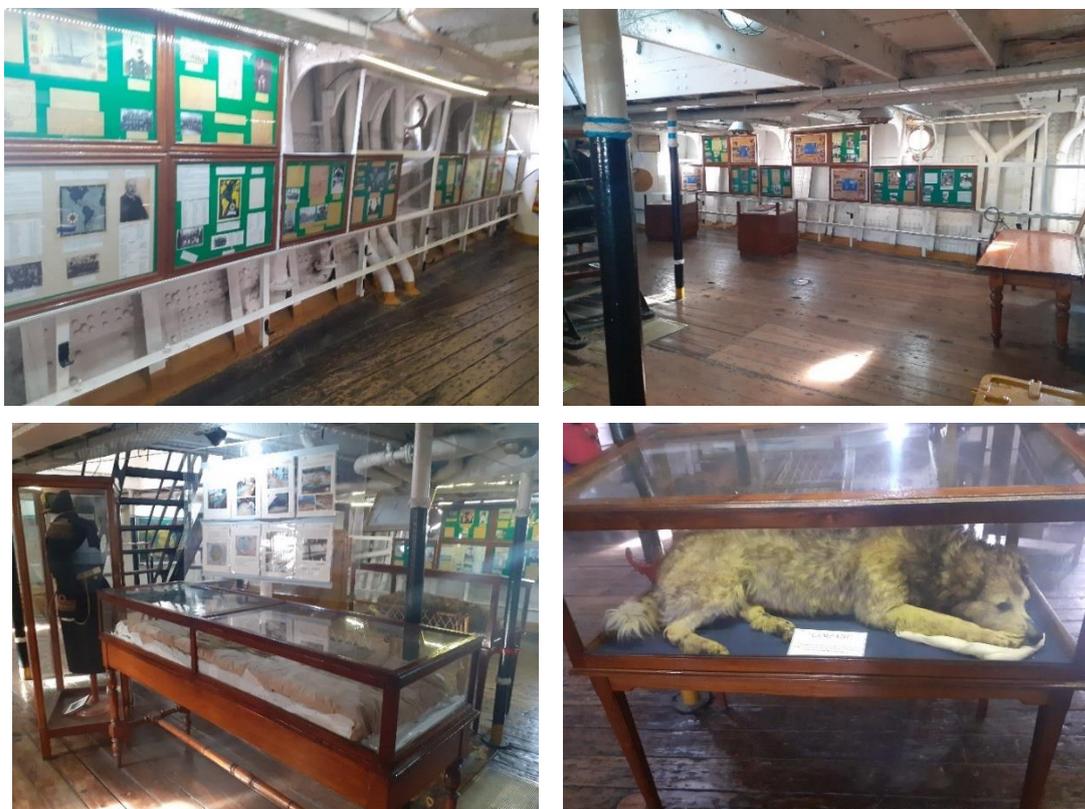


Fonte: Acervo HISTARMAR, 2023.

Os registros fotográficos apresentam os oficiais da época, seus distintos uniformes conforme as patentes, as habilidades necessárias aos cadetes no manuseio dos equipamentos como o timão e a supervisão de seu comando imediato. Mas, também seu cotidiano de pesca no pacífico, a recepção aos chefes de Samoa, vendedores chineses a bordo, o trabalho no içar de velas, os uniformes de inverno dos cadetes aspirantes, a formação para render honras funerárias por ocasião da morte do marinheiro de 1ª praça, Carlos Pico, durante a viagem à China, em um acidente ocorrido no paiol de inflamáveis, para a submersão de seu cadáver no mar e até uma matinê dançante com moças da sociedade australiana.

A exposição que ocupa a parte interna destinada aos soldados da tripulação (Fig. 7) consta de murais com a exibição de materiais sobre as viagens de instrução (mapas, desenhos com os planos vélicos, fotografias, recortes de jornais do período, cartas, documentos, condecorações, certificados, objetos etc.). A expologia e a expografia precisaram considerar a distribuição dos canos de ventilação, das escadas, dos registros hidráulicos e hastes de sustentação, além das escotilhas, iluminação natural e artificial na disposição do acervo.

Figura 7 — Exposição do acervo musealizado da Fragata Aras Presidente Sarmiento



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022.

As molduras e expositores se apresentam em madeira, possivelmente carvalho, que coaduna com o piso da embarcação feito de tábuas corridas ou tacos encerados. Em um dos expositores centrais há um trabalho de taxidermia com “Lampazo”, um cachorro empalhado, que navegou com a tripulação e consta como uma homenagem. Em outros expositores (Fig. 8) se encontram a bandeira da Argentina hasteada na fragata para sua viagem inaugural, uniformes de várias patentes da tripulação, presentes internacionais como ornamentos de Samurai (parte do elmo da armadura e uma espada), brasões, armamento original (de espingardas e espadas a torpedos), mural com “nós” de marinheiro, bustos em gesso dos capitães da fragata, miniaturas da fragata e equipamentos de mergulho com instruções de uso.

Figura 8 — Exposição do acervo musealizado da Fragata Aras Presidente Sarmiento

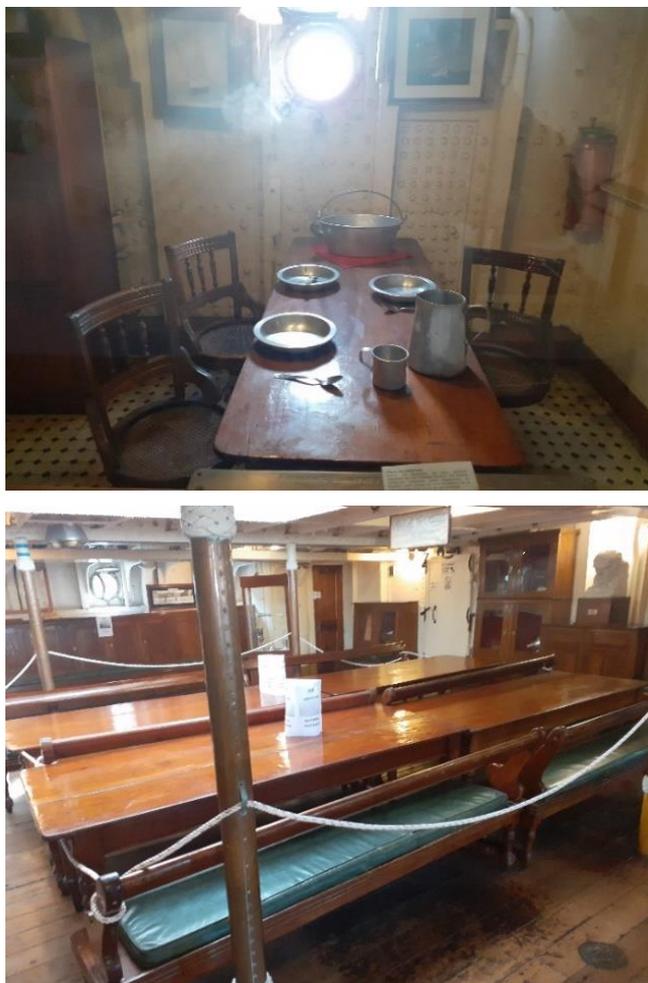


Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022.

Ressalta-se que o material usado nas etiquetas, que informam sobre o acervo, foi confeccionado em papel ofício e impressoras *deskjet*. Isso faz com que muitas já estejam desbotadas e envergadas pelo tempo. Etiquetas em acrílico teriam maior durabilidade. Não há climatização e a incidência de luz do sol e calor contribuem para o desgaste das peças mais frágeis. Todavia, há um trabalho de higienização nas peças musealizadas. Não foi possível encontrar dados da curadoria da exposição, apenas a identificação do diretor do barco museu: “CNRS⁸ Carlos Zavalla”.

Um Inventário Geral da fragata Sarmiento é mantido a bordo em exposição, informando sobre a divisão da embarcação em espaços de convivência privados e comuns, com uma distinção entre câmaras e camarotes em função de seu uso, sua dimensão e sua localização no navio. Na popa estão os espaços de repouso e lazer dos oficiais e cadetes dedicados à reunião, alimentação e dormida. As cabines comportam alojamento individual ou partilhado e além de um lavatório que se transforma numa pequena mesa, voltadas para o exterior e, através da vigia, recebem luz e ventilação naturais. Os camarotes reúnem vários camarotes para uso exclusivo de alojamento (HERAS; MOLANO, 2013, p. 92).

Figura 9 — Cabines e refeitórios musealizados na Fragata Aras Presidente Sarmiento





Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022.

Nas cabines encontram-se os espaços individuais e coletivos da tripulação, sendo uma sala de maquinista de guarda com uma mesa retangular na cozinha disposta com três cadeiras de madeira e serviço de jantar (em metal) musealizado, nesse ambiente o piso não é de madeira e apresenta cor brancas com pequenos losangos pretos, há o refeitório coletivo com longos bancos com almofadas verde oliva. Há em uma cabine uma barbearia, com cadeira profissional e instrumentos de serviço e o interior de um camarote com um leito com roupa de cama vermelha, uma cadeira giratória com escrivaninha, um móvel com gavetas na lateral da cama com livros acondicionados, além de outros objetos decorativos.

A musealização dos objetos, agora semióforos, apresenta os trabalhos náuticos (mergulho, condução do timão e velas, manuseio de armamento), compatíveis com as atividades desempenhadas em uma embarcação militar, afora os ofícios de cozinha, barbearia, limpeza dos ambientes, do aprendizado, da sobrevivência em um ambiente limitado por espaço e localização (longas temporadas em mar aberto), repleto de marinheiros, convivendo com hierarquias sociais e militares, intempéries naturais (tempestades, frio, calor) e humanas (doenças do corpo e da mente). Para além da ideia do heroísmo, observamos a humanidade daqueles que dividiram a jornada de trabalho e aprendizado na Fragata Aras Presidente Sarmiento.

Figura 10 — Tripulação, memórias e ofícios da Fragata Aras Presidente Sarmiento



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022

A preocupação em manter a memória dos tripulantes aparece várias vezes nas listagens com os nomes dos oficiais de Marinha que serviram nas viagens da fragata, bem como murais com fotografias da tripulação, linhas do tempo e seus percursos náuticos. Nos corredores que levam ao refeitório coletivo e às cabines, foram dispostas ferramentas de uso para os reparos mecânicos na embarcação durante suas viagens, mas também pás que serviam para alimentar as caldeiras com carvão (Fig. 10).

Ainda sobre o uso do carvão, a presença de mulheres carvoeiras na fragata (Fig. 11), realizando o abastecimento do material precioso para as caldeiras da embarcação, suscita curiosidade. A rota da viagem de 1935, sob o comando do Capitão Alberto Teisaire, cobriu América e Europa, com passagens por destinos como Brasil (Rio de Janeiro), Antilhas, EUA (Washington e New York), Reino Unido (Londres), Noruega (Oslo), Dinamarca (Copenhague), Suécia (Estocolmo), Finlândia (Helsinque), Alemanha (Berlim), Holanda (Amsterdã), França (Boulogne), Espanha (Vigo e Sevilha), Portugal (Lisboa), Marrocos (Casablanca), Ilhas Canárias/ Espanha (Santa Cruz de Tenerife) e Argentina (Buenos Aires).

Figura 11 — Carvoeiras abastecendo a Fragata Aras Presidente Sarmiento (Viagem nº 33, 1935)



Fonte: HERAS; MOLANO, 2013, p. 107

A foto não identifica o local do abastecimento de carvão, mas é possível visualizar que todas são mulheres negras, nos fazendo indagar em qual parada esse fato teria ocorrido. No Marrocos? A imagem também demonstra a vulnerabilidade das mulheres do segmento social mais desfavorecido economicamente, especialmente negras, em países com menor desenvolvimento. O papel da mulher e a contribuição de seu trabalho nas minas de carvão, usualmente informal, não reconhecido, pesado e insalubre, mas que auxilia o prosseguimento das viagens de inúmeras embarcações, como a da Fragata Aras Presidente Sarmiento, deve ser ressaltado. A fotografia contrasta com as fotografias das mulheres brancas que subiam a bordo com pais, irmãos, maridos para participar de cerimônias culturais como recepções às autoridades ou bailes com a tripulação. Mulher, cor e classe social, registradas nas fotos da fragata “La Sarmiento”.

Destarte, apesar da presença das mulheres nos trabalhos de mineração e serviços correlatos a este, sua invisibilidade (vista na ausência do lugar do registro imagético) em vários trabalhos acadêmicos e registros de trabalho formal é resultado, segundo alguns pesquisadores, dos

[...] preconceitos sociais nas próprias comunidades mineiras, por realizarem tarefas “masculinas”, dificuldades em seus relacionamentos com os mineradores e empresários, com muitos casos de assédio ou falta de companheirismo, preconceito das esposas dos mineradores que não gostam que elas trabalhem com seus maridos, dificuldades para aceder a um posto de trabalho em uma mina, tendo algumas até que lutar na justiça para consegui-lo, dificuldades para aceder a créditos quando são elas as “donas” de empreendimentos mineiros e, sobretudo, enfrentam o não reconhecimento

por parte da sociedade do trabalho que desenvolvem (CASTILHOS; CASTRO, 2006, p. 60).

É necessário ainda lembrar que Convenção n.º. 45 da Organização Internacional do Trabalho – OIT, firmada em Genebra a 18 de julho de 1935, por ocasião da 19ª sessão da Conferência Internacional do Trabalho, recomendou que o trabalho subterrâneo de mulheres fosse proibido. Mesmo assim, o registro da viagem de 1935 atesta a sua continuidade, infringindo acordos internacionais. Talvez, por isso mesmo, o local de abastecimento não tenha sido incluído no registro, uma vez que as fotografias que tratavam dos vendedores chineses e japoneses os situavam de modo descritivo na geografia das viagens da fragata.

Outros aspectos técnicos da exposição podem ser ressaltados como a presença de *QR Codes* em alguns objetos musealizados que direcionavam a um *site* do Ministério de Defesa da Marinha da Argentina para maiores informações. Aliás, é o único recurso de inclusão digital apresentado na exposição. Todavia, é possível realizar uma visita *online* em rotação 360° na Fragata Aras Sarmiento no *site* disponibilizado pelo Ministerio de Defensa/Armada Argentina⁹.

O processo de digitalização é estático no acesso virtual às dependências do barco museu, não possuindo uma dinâmica mais sofisticada de interação com os objetos nos expositores e o *zoom* destes reduz a qualidade de sua resolução, todavia, funciona como um chamariz informativo para turistas, professores e demais interessados em conhecer presencialmente a embarcação e sua história. Além, de permitir visualização detalhada de áreas restritas ao transpasse para proteção mútua dos equipamentos e visitantes.

Há cartazes em papel ofício impressos com a inscrição “*Patrimônio Histórico – Conjunto de objetos inmuebles o muebles que comprende todos aquellos elementos y manifestaciones tangibles o intangibles producidos por las sociedades de interés histórico o que tengan valor histórico*” em vários setores expositivos, reforçando a patrimonialização.

O maquinário também foi musealizado e possui etiquetas informando sua funcionalidade original, bem como os armamentos e equipamentos que ocupam a popa e a proa da fragata. Até mesmo os botes da embarcação receberam tratamento expológico.

Figura 12 — Aspectos expositivos na popa da fragata



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022.

Os trabalhos desenvolvidos na fragata estão personificados nos objetos e ambientes musealizados, como também nas listas de profissionais a bordo que compreendia: alferes, furriel¹⁰, engenheiro maquinista, fotógrafo, cirurgião, enfermeiro, farmacêutico, conscrito¹¹, foguista¹², carvoeiro, contador, auxiliar de contador, capelão, barbeiro, mordomo, cozinheiro, ajudante de cozinha, padeiro, ajudante de padeiro, auxiliar de lavanderia, panelista¹³, camareiro, alfaiate, artilheiro, torpedista, radiotelegrafista, tipógrafo, maquinista, mecânico, eletricista, sinaleiro, ferreiro, encanador, carpinteiro, pintor, atendente, professor de inglês, professor de idiomas (outros), professor de esgrima, professor de box, professor de fotografia, maestro e músicos. Das patentes se encontram: grumetes¹⁴, marinheiros, aprendizes, cadetes de aplicação, guarda marinhas, cabos, sargentos, tenentes, suboficiais, capitães, comandantes, chefe de estudos e contramestre. Ao todo, durante as viagens até o ano de 1938 integraram a tripulação 11.550 pessoas (HISTARMAR, 2023).

Aplicando um modelo simplificado de análise da expologia da fragata, observamos seus objetivos e proposições (quadro 1) e a viabilização da narrativa de

uma História Marítima que expõe o estudo da interação e atividade humana no mar a partir de suas práticas.

Quadro 1 — Expologia da Fragata Aras Sarmiento

O que é? [conteúdo, conhecimento]	História da embarcação e sua tripulação como representantes das ações diplomáticas e formativas da Marinha argentina. Pesquisa.
Como pensar? [refletir, organizar ideias, proposições]	Tratar do cotidiano de trabalho e aprendizado dos tripulantes naquele espaço náutico musealizado.
O que usar? [objetos, acervos, recursos]	Objetos do cotidiano da embarcação e suas próprias subdivisões que se tornam semióforos. Uso de imagens fotográficas e linhas do tempo, listas com nomes de integrantes da tripulação, presentes recebidos nas viagens internacionais, placas comemorativas, uniformes etc.
Como cuidar do acervo musealizado? [conservação, proteção de riscos e danos]	Higienização dos objetos e lugares, fechamento de cabines para visitação (só podem ser vistas de fora, pelas janelas de vidro das portas), cordas de proteção em ambientes mais sensíveis que impedem a passagem.
Como fazer? [ambiente, materiais, ocupação]	Documentação. Inventário, classificação dos objetos e espaços. Observação dos obstáculos estruturais, organização dos expositores (localização, altura, ambiente, quantidade e tipo de objeto, iluminação).
Como comunicar? [narrativas conectadas aos objetos, sistematização, contextos, diálogos]	Criação de um percurso expositivo, de legendas informacionais para objetos e ambientes em etiquetas, vínculos entre a história e experiências da tripulação e viagens da fragata e seus objetos/espaços musealizados (cartazes, fotografias, desenhos), visita virtual com digitalização 360°
Como prever seus impactos/recepção? [reações do público, entendimento, <i>feedback</i>]	Registro de visitas (quantidade/qualidade), divulgação para agências de turismo local, promoção dos trabalhos de pesquisa e divulgação do Histarmar ¹⁵ , recepção de e-mails.
Como desenvolver atividades educativas? [orientações, interpretações, conferir sentidos, promover debates]).	Comemorações de aniversário da fragata, da patrimonialização, da recepção do emblema azul, do patrono; acesso às visitas escolares.

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

A Expografia da fragata (quadro 2) traduz a aplicação do expologia a partir da execução de um planejamento de concepção e montagem expositiva. O estudo das limitações do ambiente musealizado (estruturas em metal, espaço, capacidade de carga – quantidade de visitantes para evitar sobrecarga que oscile a estabilidade da

embarcação atracada em um rio e o desgaste do piso e escadas) é fundamental para a composição do desenho expográfico.

Quadro 2 — Expografia da Fragata Aras Sarmiento

Planejamento	Uso dos ambientes (cabines, proa, popa, sala de máquinas, refeitório, corredores), mobiliários, objetos e maquinário da embarcação. Seleção do acervo. Uso de presentes e símbolos representativos da Marinha argentina. Destaque para a tribulação, em seu ofício, viagens e formação. Identidade visual da Armada Argentina.		
Métodos	Desenho da exposição, mapa da exposição, mensuração da exposição, concepção e montagem.		
Técnicas	Cores	Iluminação	Som
	Vermelho e Verde (ambientes, murais), Branco, preto e amarelo (estrutura)	Natural (escotilhas e outras aberturas) e artificial (lâmpadas)	Sem nenhum som ambiente
Montagem	Mobiliário expositivo em madeira com cúpula de vidro em distintos modelos sem interação, painéis e murais, objetos acondicionados nas paredes, molduras fotográficas em madeira, restrição de áreas sensíveis a danos, etiquetas informativas em papel ou coladas em suportes de papelão ou isopor, alocação de <i>QR Codes</i> e informativos de patrimonialização. Atenção à mobilidade possível e normas de segurança.		
Materialização	Resultados de todo o trabalho anterior. Roteiro expositivo. Visitação. Estudo de público. Registros digitais. Relatórios. Manutenção (conservação; salvaguarda).		

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

Em termos de acessibilidade, há muito pouco a fazer, uma vez que a estrutura da embarcação, em seu formato original, não permite a circulação efetiva de cadeiras de rodas ou de pessoas com mobilidade reduzida. Até mesmo para idosos apresenta dificuldades e perigos nas transições de espaços (portas e escadas). Não foram elaborados recursos para deficientes visuais (audioguias ou etiquetas táteis em braile) ou auditivos (linguagem de sinais, libras). E não há um guiamento oficial na embarcação. A visitação ocorre de modo autônomo, seguindo as sinalizações de direcionamento de fluxo.

Na relação da expografia com a historiografia argentina, ressalta-se que durante muito tempo as produções acadêmicas, principalmente no século XX, repousaram sobre

biografias de “grandes personalidades e seus feitos para a nação” ou em preocupações orbitadas pelas ações dos sindicatos e combates políticos dos trabalhadores nos destinos econômicos do país (SANTOS, 2011). Uma mudança significativa de paradigma foi sentida nas duas décadas do século XXI, quando pesquisas e escritos se voltaram mais ao desenvolvimento de políticas relacionadas à memória e à cultura, além de enfatizarem tempos mais recentes, com a entrada em cena de outros intérpretes que não somente os historiadores de formação.

Destarte, nos últimos anos se destacaram espaços profissionais nos quais se configuraram outras estratégias de difusão e transmissão do passado através de museus, reflexão sobre o ensino e divulgação audiovisual e bibliografia. A publicação em revistas especializadas e indexadas internacionalmente de artigos com refinamento metodológico e conceitual não desperta interesse na maioria da população, por isso têm sido apresentadas propostas ou reconfigurações em direções divergentes. Desdobrou-se, portanto, uma separação entre aqueles dedicados a analisar testemunhos, aqueles que tentam reconstruir um processo sócio-histórico passado e aqueles que buscam estudar como é feito o ensino ou se poderia ensinar essas questões em sala de aula (BOHOSLAVSKY, 2016).

A musealização das fragatas, e em específico, de “La Sarmiento” apresenta essa vertente de uma historiografia argentina vinculada a uma política de memória que esvazia a Marinha do poder político, evidenciado durante os períodos ditatoriais, para situá-la como espaço de gestão cultural, pacificação e representação internacional do país em viagens diplomáticas. A representação do trabalho não é lida em disputas de poder permeadas pelas clivagens sociais dos marinheiros, apesar da hierarquia de classes estar presente na embarcação, mas na relação cumprimento do dever e ensino-aprendizagem. Os marinheiros não são heróis, mas seres humanos comuns, trabalhadores em formação com alegrias, desafios, vida e morte na fragata. A construção narrativa de viés histórico-antropológico norteia sua musealização.

Considerações Finais

O mais violento período ditatorial na Argentina ocorreu entre 1976 e 1983, com a deposição da presidente Maria Estela Martínez de Perón. A Junta Militar composta pelas Forças Armadas: o Exército, a Marinha e a Aeronáutica, com o golpe, durante o autodenominado “Processo de Reorganização Nacional”, ascendeu o general Jorge Rafael Videla no poder (USP, 2023).

O papel da Marinha argentina na ditadura militar foi de extrema repressão, pois a Escola de Mecânica da Armada, anteriormente Escola Superior de Mecânica da Armada (ESMA), uma unidade da Marinha para a formação de suboficiais especialistas em mecânica e engenharia de navegação, se configurou no maior e mais ativo dos Centros clandestinos de detenção e tortura, por onde passaram mais de 5000 presos e desaparecidos. O espaço foi convertido pela Lei nº 1.412, de 5 de agosto de 2004, em centro de memória da repressão, do terrorismo de estado e promoção do respeito aos Direitos Humanos (TERRA, 2004).

A fragata “La Sarmiento”, todavia, dispõe uma outra linguagem na qual a comunicação informacional reforça seu caráter formativo, de trabalho, de paz, diplomacia e permeabilidade a diversidade de culturas e hierarquias a bordo, durante suas viagens internacionais. Sua transformação em barco-museu ocorreu antes do período de ditadura militar e o momento histórico ditatorial não aparece em sua expografia.

A localização da Fragata ARAS Presidente Sarmiento a insere no roteiro cultural da Colección de Arte Amalita Lacroze de Fortabat, inaugurada em 2008 e reaberta em 2012, com mais de 150 obras de artistas internacionais como Rodin, Warhol, Turner, Dalí e Blanes, e artistas argentinos como Badii, Berni, Quinquela Martín, Noé, Pérez Celis, Fader, Soldi e Xul Solar e outros; do Pavilhão da Bela Artes da Universidade Católica Argentina – UCA, um espaço de arte e cultura pluridisciplinar, interdisciplinar e aberto; do Centro Cultural Kirchner (CCK), um centro cultural de belas-artes com diversas apresentações musicais e exposições de arte; além da Puente de La Mujer e os edifícios restaurados das docas que abrigam inúmeros restaurantes e bares, incluso um Hard Rock Café.

Convivem o antigo e o novo, a cultura militar náutica do oitocentos, em suas modernizações temporais, e a cultura mais ampla, civil, urbana, que suaviza seu perfil belicoso, de defesa, para apresentá-la como um lugar onde subsistem as memórias do aprendizado e do trabalho, da cultura da diplomacia nas Relações Internacionais e da paz, configurando narrativas para a Educação Patrimonial. A ideia da Força Armada que cumpre seu papel subordinada à Constituição e à Democracia civis, como deveria ser sempre.

Referências

AGUIAR, Leila Bianchi; CHUVA, Márcia Regina Romeiro. Institucionalização das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil e na Argentina e suas relações com as atividades turísticas. *Antíteses*, Londrina, v. 7, n. 14, p. 68-94, jul. - dez. 2014.

AVRAMI, Erica; MASON, Randall. Mapping the Issue of Values. In: AVRAMI, Erica; MACDONALD, Susan; Mason, Randall; Myers, David (Eds.). *Values in Heritage Management: Emerging Approaches and Research Directions*. USA: Getty, 2019. Disponível em: <https://www.getty.edu/publications/heritagemanagement/part-one/2/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

BOHOSLAVSKY, Ernesto. Cambios en la historiografía académica en Argentina (2001-2015). *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, vol. 9, n° 20, p. 102-120, abr. 2016.

BOIS, Teodoro Caillet. *Los Viajes de la Sarmiento - 1899/1931*. Buenos Aires: Ediciones Argentinas, 1931.

CASTILHOS, Zuleica C.; CASTRO, Nuria F. Mulheres na mineração: restitio quae sera tamem. In: CASTILHOS, Zuleica C.; LIMA, Maria Helena R.; CASTRO, Nuria F. (Orgs.) *Gênero e trabalho infantil na pequena mineração: Brasil, Peru, Argentina, Bolívia*. Rio de Janeiro: CETEM/CNPq, 2006, p.41-64.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

CURY, Marília Xavier. Museologia e conhecimento, conhecimento museológico – Uma perspectiva dentre muitas. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, vol. 3, n° 5, p. 55-73, mai./jun. 2014.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução e comentários Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DIÁRIO DA REPÚBLICA. *Convenção para a Protecção dos Bens Culturais em caso de Conflito Armado (Convenção da Haia), incluindo o Regulamento de Execução e também o Protocolo da Convenção e as resoluções da Conferência*. Lisboa, Governo de Portugal, I SÉRIE-A, n° 76 — 30 de março de 2000, p. 1336-1342.

DOMÍNGUEZ, Aístides Bryan. *Homenaje a la Fragata Ara Libertad Buque Escuela de la Armada Argentina y Patrimonio cultural de la República Argentina*. Buenos Ayres: Academia Nacional de Ingeniería, 2012.

FREIRE, Vanesa Miranda; SANTOS, Miguel Rosa dos. O trabalhador e a sua luta na Revolução Industrial Inglesa – 1760 a 1895. *Revista Gestão & Tecnologia*, Goiânia, Ano XI, vol. 1, Edição 34, p. 3-34, jan./jun. 2022.

HERAS, Beatriz de las; MOLANO, Ignacio. Fotografía a bordo en la fragata “Presidente Sarmiento”. *Discursos Fotográficos*, Londrina, vol.9, n.15, p.83-112, jul./dez. 2013.

HISTARMAR. Buque Museo Fragata Presidente Sarmiento. In: *Historia y Arqueología Marítima*. S/d. Disponível em: <https://www.histarmar.com.ar/Armada%20Argentina/FragataSarmiento/FragataSarmientobase.htm>. Acesso em: 10 jan. 2023.

KEARON, John. Conserving Unique and Historic Ships. *Maritime Park Association*. San Francisco, 1997. Disponível em: <https://www.maritime.org/conf/conf-kearon.php>. Acesso em: 13 jun. 2023.

LOPES, Maíne Barbosa. A instituição do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na Argentina: o censo de monumentos e agentes envolvidos (1938- 1946). SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, III, 2017, Florianópolis. *Anais do III Seminário Internacional História do Tempo Presente*. Florianópolis: UDESC, 2017, p. 1-17.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Reflexões sobre Musealização: processo informacional e estratégia de preservação. SEMINÁRIO SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO EM MUSEUS, III, 2016, São Paulo. *Anais do III Seminário Serviços de Informação em Museus*. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2016, vol. 1. p. 91-103.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Webmuseus de arte: aparatos informacionais no ciberespaço. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 33, n. 2, .p. 97-105, maio/ago. 2004.

MAIA, Rita; SANTOS, Melissa. Exposições Museológicas online: seu sentido e alguns desafios. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, vol. 10, nº especial, p. 278-294, dez. 2021.

MINISTÉRIO DE CULTURA; MONUMENTOS Y LUGARES HISTORICOS NACIONALES. *Decreto 5.589/62* – Declárase monumento histórico la fragata-escuela “Presidente Sarmiento”. Buenos Aires, 1962. Disponível em: https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/decreto_5589_62pagina.pdf. Acesso em: 22 jan. 2023.

MINISTERIO DE DEFENSA. *Buque Museo Fragata ARA “Presidente Sarmiento”*, Buenos Aires, 2022. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/armada/museos/buque-presidente-sarmiento>. Acesso em: 10 de jan. 2023.

MINISTERIO DE DEFENSA. *Lista de los Museos de las Fuerzas Armadas y Ministerio de Defensa*, Buenos Aires, 2019. Disponível em: <http://datos.mindef.gov.ar/dataset/a28acada-ca73-47a2-9ef6-d3c751579407/archivo/bc6b7810-4e41-47c1-a1ad-5c08a0689a00>. Acesso em: 22 jan. 2023.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

NOVAES, Roseane Silva; LIMA, Diana Farjalla Correia. Navio-museu Bauru e informação trajetória histórica e musealização sob o foco da documentação museológica. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 3, n° 1, p. 1-21, 2010.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. Patrimonialização e transformação das identidades culturais. In: PORTELA, J.; Caldas, J. Castro (Coords.). *Portugal Chão*. Oeiras: Ed. Celta, 2003, p. 231-247.

PEIXOTO, Ana Flávia da Costa de Campos; JESUS, Priscila Maria de. Diálogos possíveis em exposições museais: relato de experiência em monitoria. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, vol. 17, n. esp. V Seminário de Competência em Informação, p. 01-13, 2021.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi: Memória – História*, vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

SANTOS, Fabio Muruci dos. História, biografia e nação na Argentina no início do século XX: Sarmiento lido por Ricardo Rojas. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, vol. 4, n. 7, p. 116-133, 2011.

TERRA. *Armada admitió que la ESMA fue “un símbolo de barbarie”*, 03 mar. 2004. Arquivado em 9 de julho de 2015, no Wayback Machine. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20150709211327/http://www4.terra.com.ar/canales/politica/86/86659.html>. Acesso em: 25 jan. 2023.

UNESCO-WHC. *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*. 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

UNESCO-WHC. *States Parties*. 2020. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/statesparties/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

USP. Histórico da Ditadura Civil-Militar Argentina. In: *Memória e Resistência*. Projeto Memória e Resistência na América Latina (PM&R-AL). Disponível em: https://paineira.usp.br/memresist/?page_id=239. Acesso em: 25 jan. 2023.

WALDMANN JÚNIOR, Ludolf. *Tecnologia e política: a modernização naval na Argentina e Brasil, 1900-1930*. 2018. Tese de Doutorado em Ciência Política. Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, 2018, 277p.

WIRRAL ARCHIVES. History of Cammell Laird. In: *Cammell Laird Shipbuilders Documents*. Presidente Sarmiento ARA, Yard. Vol. 0615, s/d. Disponível em: <https://www.wirral.gov.uk/libraries-and-archives/wirral-archives-service/documents-we-hold/cammell-laird-shipbuilders>. Acesso em: 15 jan. 2023

¹ Em 1824, William Laird fundou a Birkenhead Iron Works (fabricação de caldeiras) acompanhado de seu filho, John Laird, que em 1828 começou a construir navios. A empresa foi protagonista na fabricação

de navios de ferro e fez grandes avanços na propulsão. Em 1903, houve a fusão da empresa siderúrgica Sheffield da Charles Cammell and Co. Ltd. com a Laird Brothers Ltd. Entre 1829 e 1947, construíram mais de 1.100 embarcações de todos os tipos, dentre elas, a Fragata ARAS Presidente Sarmiento (WIRRAL ARCHIVES, 2023).

² Dentre os feitos importantes transcorridos na Corveta Uruguay estão: a formatura das três primeiras turmas da Escola Naval criada por Domingo Faustino Sarmiento, a expedição do Comodoro Py, que reafirmou a soberania argentina na Patagônia e o resgate de integrantes da expedição sueca liderada por Otto Nordenskjöld, cujo navio, o “Antartic”, naufragou no Polo Sul.

³ Conceito histórico proposto na obra *Les Lieux de Mémoire*, publicada entre 1984 e 1992, dirigida por Pierre Nora.

⁴ Orienta-se a compreensão da Museologia Geral como um campo de estudos teóricos subdividido em: 1. História dos Museus, 2. Teoria Museológica (Comunicação Museológica, Expologia, Educação Patrimonial, Recepção de Público) e 3. Gestão do Patrimônio Musealizado (CURY, 2014, p. 60).

⁵ Orienta-se a compreensão da Museografia Aplicada a Museus como um campo de exercício prático subdividido em: 1. Curadoria (1.1. Aquisição/Formação de Acervo, 1.2. Salvaguarda – Conservação Preventiva e Documentação Museológica, 1.3. Comunicação Museal – Expografia e Educação em Museus) e 2. Gestão (2.1. Planejamento, 2.2. Administração, 2.3. Avaliação) (CURY, 2014, p. 60).

⁶ A Convenção para a Proteção dos Bens Culturais em Caso de Conflito Armado, também conhecida por Convenção de Haia (1954), é um tratado internacional assinado a 14 de Maio de 1954, em Haia, por iniciativa e sob a égide da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), no contexto das consequências da Segunda Guerra Mundial que tinha ocasionado numerosas destruições de património cultural. A Convenção é um dos pilares fundamentais do direito internacional de proteção de bens culturais em caso de conflito armado (DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2000, p. 1336-1342)

⁷ Conforme Pierre Nora (1993, p. 21-22): “Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. [...] É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou”.

⁸ A sigla refere-se ao Centre National de la Recherche Scientifique na França.

⁹ Cf. <https://visita360.de/armada/fragata-sarmiento/>

¹⁰ Um posto ou uma função existente nas forças armadas referente a responsabilidades na área da logística.

¹¹ Convocados ao serviço militar obrigatório prestado nas Forças Armadas - Marinha, Exército e Aeronáutica. Também se refere aos médicos, dentistas, farmacêuticos e veterinários que prestam o serviço militar obrigatório.

¹² Um profissional que opera caldeiras a vapor, conduzindo os fogos e executando a limpeza dos equipamentos.

¹³ Encarregado do armazém e adega.

¹⁴ Um tipo de aprendiz a bordo, menor de idade, responsável por limpar e ajuda os marinheiros nos diferentes trabalhos.

¹⁵ A Fundación Histarmar, em 15 de julho de 2011, se constituiu como órgão representativo na promoção da pesquisa sobre temas marítimos, fluviais, portuários e afins, resgate, restauro e conservação do património histórico marítimo e fluvial incluindo documentação, objetos, navios, embarcações e artefatos navais de significado histórico e a sua valorização e proteção em locais adequados.

Artigo recebido em 06/02/2023

Aceito para publicação em 30/05/2023